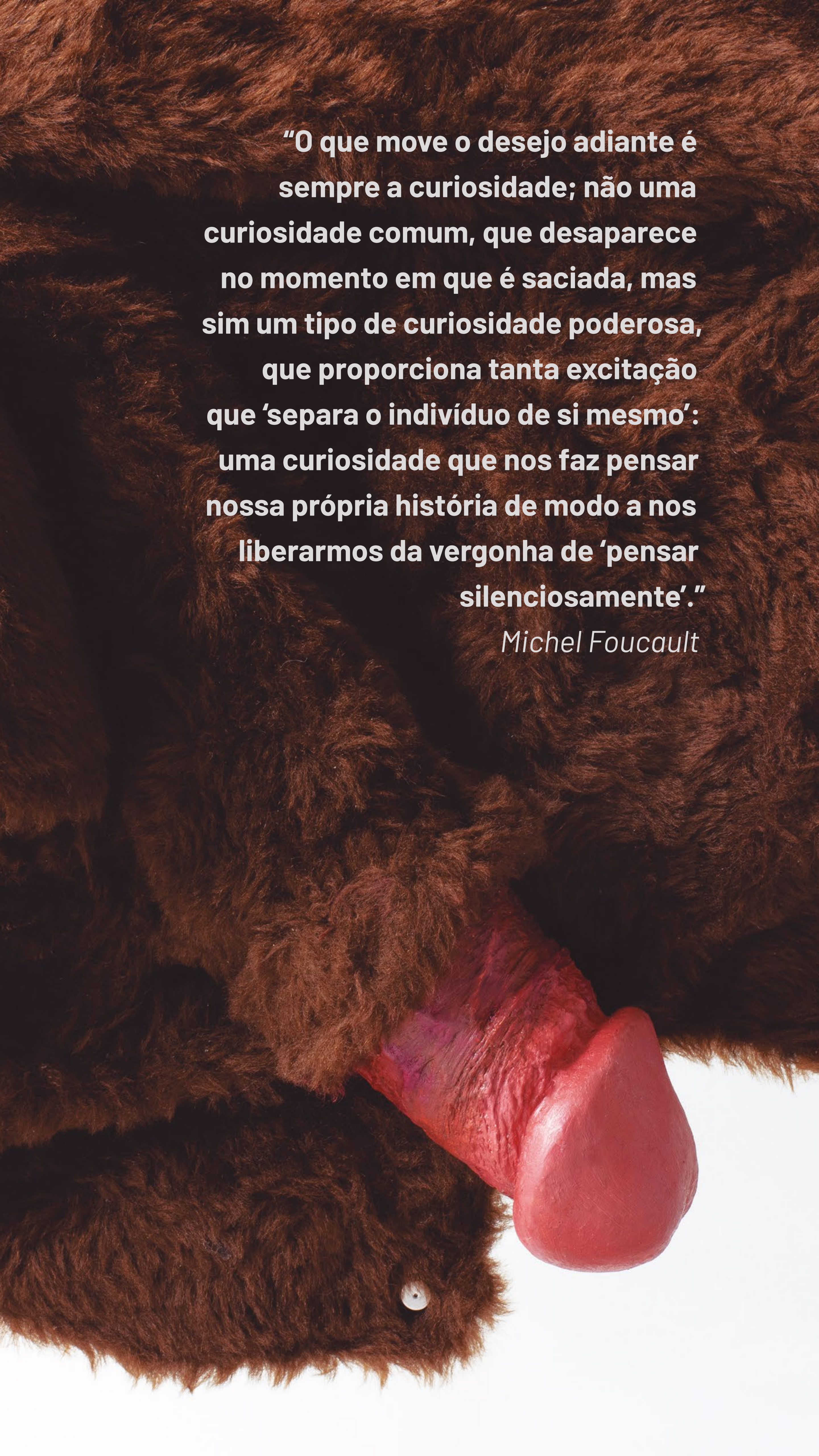




FÁBIO MAGALHÃES

O Éden pagão



“O que move o desejo adiante é sempre a curiosidade; não uma curiosidade comum, que desaparece no momento em que é saciada, mas sim um tipo de curiosidade poderosa, que proporciona tanta excitação que ‘separa o indivíduo de si mesmo’: uma curiosidade que nos faz pensar nossa própria história de modo a nos liberarmos da vergonha de ‘pensar silenciosamente’.”

Michel Foucault

Abertura

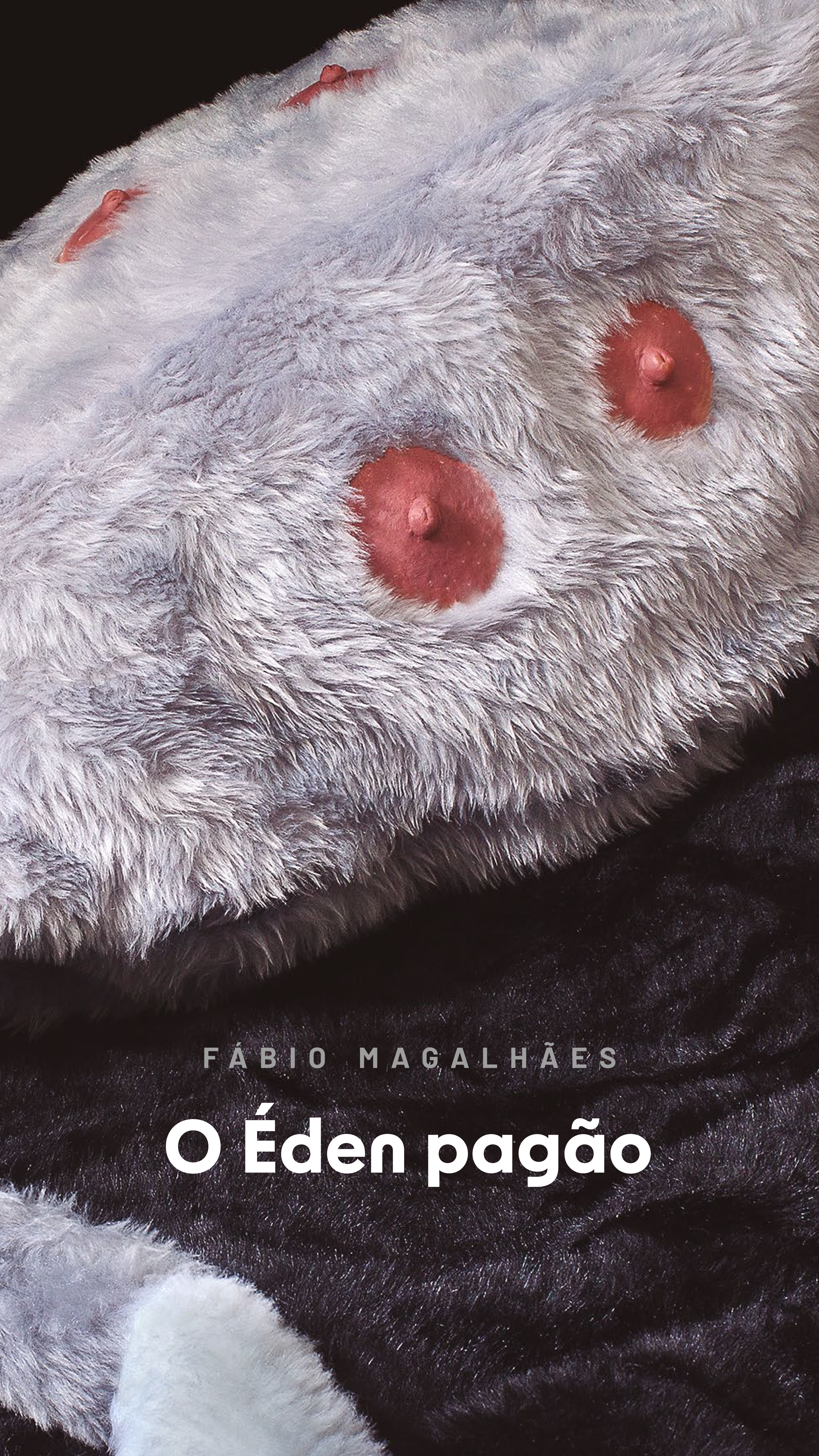
30 de julho de 2024
terça-feira, às 18h

Exposição

Até 06 de setembro de 2024
no Museu de Arte da Bahia

Realização:





FÁBIO MAGALHÃES

O Éden pagão



Sobre concupiscentes

Fotografía Fine Art sobre
aluminio compuesto

90 x 90 cm

2023



Da natureza lasciva I

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto

/ 70 x 70 cm / 2023

A sexualidade humana corre seu curso numa jornada complexa e extensa, marcada por mudanças culturais, religiosas e sociais ao longo dos séculos. Na Antiguidade, o desejo era visto como uma forma de celebrar a vida e a fertilidade; já na Idade Média, a sexualidade foi represada e moralmente condenada por dogmas religiosos, levando a uma série de conflitos e culpas, passando de uma sexualidade livre a uma sexualidade inibida, reprimida. Surpreendentemente, vivenciamos uma atualidade que ainda esbarra em conflitos capazes de inibir os modos de manifestação da sexualidade, pois encontramos o julgo de valores reeditados e manifestos.

Envolto por essas reflexões, criei um conjunto de 14 fotografias e 4 “objetos instalativos” que compõem a mostra *O Éden pagão*. Os resultados emergem de reflexões sobre as experiências humanas puramente carnis e vitais, numa relação íntima e imediata de ser e estar no mundo. Nesse sentido, as obras foram construídas em pelúcia, como bichos anômalos com chifres, patas e rabos para povoar esse jardim das delícias. Eles fazem alusão ao instinto animalesco que adormece em nós; muitas vezes, velados ou inibidos por tabus sociais, mas aqui essa sexualidade parece ser exposta sem repressões, livre. É importante destacar que a pelúcia se apresenta na série como elemento de sugestão tátil à sensibilidade de afetos, afagos e carícias do profundamente íntimo. Nas imagens e objetos produzidos com os bichos de pelúcia, recheados de páginas de livros de contos eróticos, proponho discutir sobre a força instintiva que impulsiona em direção ao prazer e à realização plena.

Neste jardim pagão, atrações, seduções e todo tipo de excitação estão à mostra, uma imanência do cio em que se dispensam os fins da natividade por puro deleite hedonista; uma luxúria inebriante, uma força que nos leva a explorar nossa própria natureza libidinosa. Para a construção dos bichos que compõem as cenas fotografadas e “objetos instalativos”, foi realizado um vasto levantamento de poemas eróticos ou aqueles que exaltam o amor, imagens pornográficas e obras literárias de vários períodos da história. Assim, fiz uso de textos controversos, do *Cântico dos Cânticos* a *Calígula*, dos sonetos de Camões a *Lolita*, de Vladimir Nabokov, além de obras tais como *Tristão e Isolda*; *Romeu e Julieta*; alguns contos do *Decameron*; o *Kama Sutra*; *O teatro de Sabbath*, de Philip Roth; *Os 120 dias de Sodoma*, do Marquês de Sade; *Trópico de Câncer*, de Henry Miller; *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro; *Delta de Vênus*, de Anaïs Nin; *O banquete*, de Platão; *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence; *História do olho*, de Georges Bataille; *A história de O*, de Anne Desclos; *A Vênus das peles*, de Sacher-Masoch; entre muitas outras. Como numa espécie de ritual profano, para atender aos artifícios da própria natureza da arte, todas as páginas deste inventário libidinoso foram usadas como enchimentos dos bichos eróticos, algumas vezes fechados, outras abertos, como um modo de dissecar e expor seus desejos mais íntimos. Com isso, propus dar-lhes um âmago lascivo; uma pulsão de Eros; um sopro de vida, não divino, mas inerentemente humano, tentando gerar uma “aura de libido” que emanasse de cada composição fotográfica e dos objetos.

Longe de ser uma exaltação à vulgaridade ou uma exibição gratuita da nudez, a mostra *O Éden pagão* propõe um arcabouço de questionamentos contra a moralidade, o conservadorismo e os tabus, nos quais ainda estamos socialmente imersos e aos quais nos vemos sujeitados. É fato que as normas sociais e os valores culturais podem moldar nossa compreensão e expressão do que somos. Portanto, é preciso considerar que os múltiplos entendimentos e perspectivas oriundas das forças sociais, culturais e políticas podem afetar a sexualidade e, por sua vez, a natureza humana. Só assim, a partir de uma reflexão crítica sobre essas forças, poderemos ter uma compreensão mais profunda e humana deste fenômeno tão fundamental para a nossa vida: os desejos.

Fábio Magalhães





Da natureza lasciva III

Fotografia Fine Art sobre alumínio
composto /
70 x 70 cm / 2023



Da natureza lasciva II

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 70 x 70 cm /
2023



Sobre o animalesco em nós I

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 70 x 100 cm /
2023

Da natureza do cio

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 70 x 100 cm / 2023



Sobre o animalesco em nós II

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 70 x 100 cm / 2023



Das paixões inconfessáveis

Fotografia Fine Art sobre
alumínio composto
100 x 70 cm / 2023



O Éden pagão

Alejandra Muñoz, curadora

A ideia de Éden remete a um contexto paradisíaco, em que o hedonismo emana do convívio pacífico, a tranquilidade emerge do controle dos imprevistos e a harmonia decorre de comportamentos domesticados. Concupiscência, lascívia, animalidade, cio, paixão e libertinagem não fazem parte da gramática tradicional de qualquer Éden religioso. Todavia, a adjetivação “pagão” engloba toda e qualquer dimensão não cristã. Então, é possível um Éden às avessas sem pensar necessariamente o inferno como oposição categórica? Qual seria o lugar para a violência das pulsões humanas sem conotação de pecado?

Esta exposição é uma instância de tensionamento entre uma ideia de paraíso terrenal idílico e a inescusável realidade da nossa natureza humana, frequentemente cerceada pela moral religiosa. A arte de Fábio Magalhães nos oferece um local de perfeita felicidade, um Éden coerente com todo nosso arcabouço de virtudes e defeitos enquanto humanos. Sem juízo moral, sem lógica de punição, sem alternativa de redenção pelos nossos desejos reprimidos. As fisionomias das criaturas desse Éden passivamente atizam os impulsos energéticos internos que direcionam nossos comportamentos preestabelecidos. E por que não? De modo metafórico, a exposição reivindica o direito às nossas pulsões, e não um justicamento dos instintos.

A retórica fetichista da maioria das peças nos impele a um retorno à animalidade supostamente perdida no processo dito civilizatório.

A modo de bestiário erótico, estes brinquedos remetem remotamente a diversos repertórios de seres híbridos das artes visuais, desde aquelas minúsculas alegorias nos móveis de “O casal Arnolfini” (1434), de Jan van Eyck, e as personagens do “Jardim das delícias” (1515), de Hieronymus Bosch, até as paisagens infernais de Lucas Cranach, o Velho, e algumas das visões oníricas dos “Caprichos” (1799), de Francisco de Goya. Entretanto, as criaturas aqui presentes, de texturas e materiais reconhecíveis, conjugam a simplicidade de uma aparência lúdica infantil com complexas alusões ao inconsciente freudiano. Há o deslocamento de uma realidade biológica possível, a construção do estranhamento de uma experiência perceptiva e, ao mesmo tempo, uma provocação estática e estética na interseccionalidade desses seres. Sem raça, sem gênero, sem classe social, sem credo, eles existem ante nossos olhos. Há, além disso, o paradoxo do olhar fotográfico que estabelece uma relação entre essas figuras cegas, serenas e inquietantes em suas latências, e nós, *voyeurs* involuntários.

O conjunto de pelúcias se inscreve nas diversas sagas do imaginário surrealista, desde o *Cortejo de Orfeu* (1911), de Guillaume Apollinaire, ilustrado por Raoul Dufy; passando pelos lânguidos personagens de Leonora Carrington; a série do *Minotauro* (1928-1937), de Picasso; as melancólicas figuras de Remedios Varo e as metamorfoses de *Uma*

semana de bondade (1933), de Max Ernst; até o “Esquilo” (1969), de Meret Oppenheim. *O Éden pagão* lembra também uma plêiade de monstruosidades híbridas do cinema mais recente, desde o assustador ser tentacular de *Possession* (1981), de Andrzej Żuławski, à pequena mandrágora de *O Labirinto do Fauno* (2006), de Guillermo del Toro. Todavia, nos objetos instalativos do artista baiano, fragmentos famosos da literatura erótica explicitam e reforçam a intrincada genealogia deste Éden pagão.

A retórica dos opostos que atravessa as obras não instaura necessariamente uma equação entre contrários. Desde muito antes do espargimento da teoria queer, sabemos que falos e vulvas são órgãos que não definem gêneros comportamentais masculinos e femininos. Então, as identidades biológicas e o binarismo heteronormativo são empurrados aqui para o limbo das imprecisões. Os trípticos constituem bons exercícios de ambiguidade das potencialidades eróticas combinatórias confrontadas com as interdições do desejo reprimido. Em algumas peças, os valores morais contraditórios dos pequenos corpos peludos e suas possibilidades hedonistas beiram a injúria imagética.

O elenco de Fábio Magalhães dialoga com diversas referências brasileiras, como os seres híbridos de Marcelo Grassmann; os “Bichos” (1960), de Lygia Clark; o *Bestiário* (1986-1991), de Caetano de Almeida; a requintada mitologia nordestina de Gilvan Samico; os universos fantásticos de Luiz Hermano; e os prazeres solitários dos personagens da baiana Ana Verana,

colega contemporânea do artista. Enquanto objetos desejados, no sentido lacaniano, os pequenos seres desafiam as prescrições comportamentais e provocam nossa natureza desviante. Qualquer discurso explicativo das práticas desejanter parece balançar ante a materialização e a concretude desses seres-objetos desejados. *O Éden pagão* oferece um confronto de submissão e opressão não entre indivíduos, mas entre objetos sensuais e fluxos libidinais.

Então, entregue-se a essa constelação imaginária. Aprecie ludicamente as obras, sem culpa cristã e sem medo de um diagnóstico de patologia psíquica. Não há divã no Éden.



As três Graças

Fotografia Fine Art sobre alumínio composto

/ 70 x 100 cm / 2023



Casa da libertinagem

Fotografia Fine Art sobre alumínio
composto

70 x 185 cm / 2023



Entre meninos

Tríptico / fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 40 x 40 cm cada / 2023



Entre opostos

Tríptico / fotografia Fine Art sobre alumínio composto / 40 x 40 cm cada / 2023



Entre meninas

Tríptico / fotografia Fine Art sobre alumínio composto /
40 x 40 cm cada / 2023

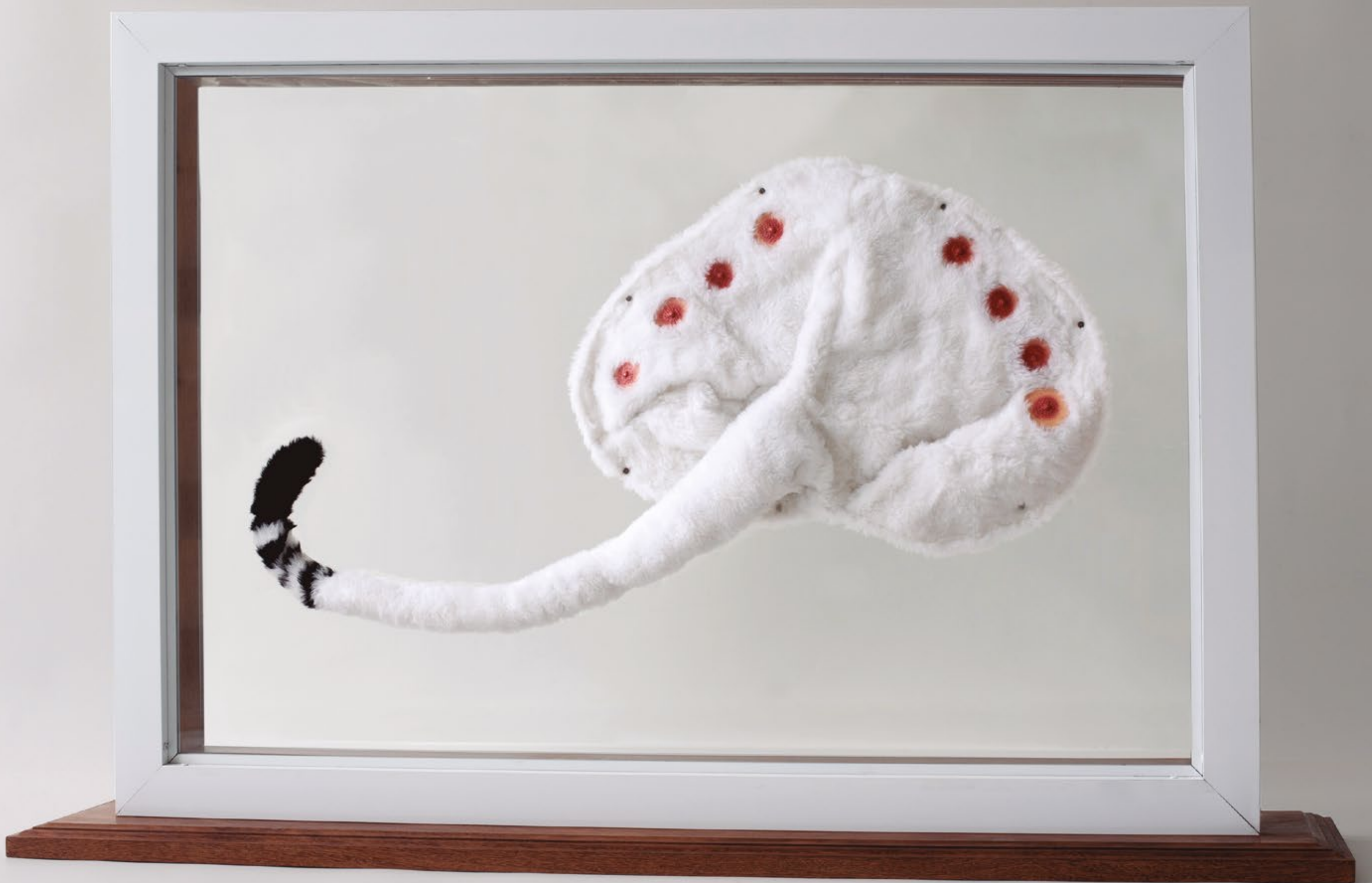
O outro lado da derme I

Vista frontal

papietagem de livros eróticos, pelúcia, resina, vidro,
alumínio e madeira de lei

83 x 126 x 26 cm

2023





O outro lado da derme III

Vista frontal / papietagem de
livros eróticos, pelúcia, resina, vidro,
alumínio e madeira de lei / 78 x 91 x 26 cm
2023

O outro lado da derme III

Vista posterior





O outro lado da derme II

Vista frontal / papietagem de livros eróticos, pelúcia, resina, vidro, alumínio e madeira de lei / 78 x 116 x 26 cm / 2023



O outro lado da derme II

Vista posterior



O outro lado da derme IV

Vista frontal / papietagem de livros eróticos, pelúcia, resina, vidro, alumínio e madeira de lei / 40 x 53,5 x 26 cm / 2023



FÁBIO MAGALHÃES

(Tanque Novo/BA, 1982)

Vive e trabalha em Salvador/BA.

Constrói sua poética a partir de investigações relacionadas às condições humanas, pontos de partida para a criação de metáforas visuais em imagens, objetos e instalações. Seu pensamento artístico está sempre em contato com a pintura, mesmo ao produzir trabalhos tridimensionais. A obra de Fábio causa fascínio e repulsa, jamais indiferença, sendo resultado de um complexo processo de concepção e efetivação até chegar ao produto. O artista elabora encenações meticulosamente planejadas, capazes de ampliar os limites da percepção e gerir inquietações sobre a realidade. Por meio de um conjunto de operações conceituais, históricas e processuais da arte, Fábio desafia o habitual em busca de iluminar uma consciência adormecida no humano.

Ao longo de sua carreira, o artista realizou uma série de exposições individuais, a primeira delas em 2008, na Galeria de Arte da Aliança Francesa, em Salvador (BA). A essa mostra inicial, seguiram-se as individuais *Jogos de significados*, 2009 (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *O grande corpo*, 2011, Prêmio Matilde Mattos/FUNCEB (Galeria do Conselho, Salvador/BA); *Retratos íntimos*, 2013 (Galeria Laura Marsiaj, Rio de Janeiro/RJ); *Além do visível, aquém do intangível*, 2016, curadoria de Alejandra Muñoz (Museu de Arte da Bahia, Salvador/BA), que realizou itinerância



na Caixa Cultural de São Paulo (2017) e de Brasília (2018); e *Espectador da vida*, 2019, curadoria de Thais Darzé (Paulo Darzé Galeria, Salvador/BA).

Em 2010, obteve o Prêmio Aquisição e o Prêmio Júri Popular no I Salão Semear de Arte Contemporânea (Aracaju/SE) e o Prêmio Fundação Cultural do Estado (Vitória da Conquista/BA). Em 2011, recebeu o Prêmio FUNARTE Arte Contemporânea/Sala Nordeste. Foi selecionado para o Rumos Itaú Cultural 2011/2013. Em 2015, foi indicado ao Prêmio PIPA (MAM, Rio de Janeiro/RJ).

Sua obra também integrou exposições coletivas, entre as quais destacam-se o XV Salão da Bahia, 2008 (MAM, Salvador/BA); o 60º Salão de Abril, 2009 (Fortaleza/CE); o 63º Salão Paranaense, 2009 (Curitiba/PR); *Convite à viagem – Rumos Artes Visuais 2011/2013, 2012* (Itaú Cultural, São Paulo/SP), curadoria de Agnaldo Farias; *Ofio do abismo – Rumos Artes Visuais, 2011/2013, 2012* (Belém/PA), curadoria de Gabriela Motta; *Territórios, 2012* (Sala FUNARTE/Nordeste, Recife/PE), curadoria de Bitu Cassundé; e *Espelho refletido, 2012* (Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ), curadoria de Marcus Lontra. Em 2013, participou de *Crê em fantasmas: territórios da pintura contemporânea* (Caixa Cultural, Brasília/DF), curadoria de Marcelo Campos. Participou ainda da coletiva *Contraponto – Coleção Sérgio Carvalho, 2017* (Museu Nacional de Brasília/DF) e de *50 anos de realismo: do fotorrealismo à realidade virtual, 2018-2019*, exposição itinerante curada por Tereza de Arruda (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo/SP, Brasília/DF e Rio de Janeiro/RJ).

Copyright © 2024. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução sem a devida autorização.
Exposição realizada em julho de 2024.

Fábio Magalhães

afabiocm@hotmail.com | fabiomagalhaes.com.br

Organização

Thais Darzé

Paulo Darzé

Produção executiva

Cica Lima

Patricia Ribeiro

Texto e curadoria

Alejandra Muñoz

Projeto gráfico e diagramação do catálogo

P55 Edição

Assessoria de comunicação

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA • CEP 40081-310
71 3267-0930 • 99918-6205 • paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br
@paulodarzegaleria

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A